POLÍTICAS EDUCACIONAIS DOS ANOS 2000 E MIGRAÇÃO ESTUDANTIL: uma análise dos impactos psicossociais do deslocamento para fins acadêmicos

Kelly Clécia dos Santos[1]

RESUMO

Uma vez que a mobilidade estudantil aumentou consideravelmente desde as políticas educacionais de democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, o presente artigo, baseado em uma pesquisa de iniciação científica, apresenta os efeitos da migração em discentes que se deslocaram em busca de qualificação acadêmica, verificando diferenças por questões econômicas. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter exploratório, em que utilizou-se como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os achados deste estudo apontam como principais efeitos da migração estudantil: diminuição na qualidade de vida, sofrimento psíquico e dificuldades financeiras, fatores que acabam por afetar o sucesso acadêmico, contudo, há também um significativo crescimento pessoal. Embora não se tenha encontrado um número considerável de estudantes mais abastados para verificar as variáveis econômicas nos efeitos da migração estudantil, a questão de renda apareceu diversas vezes como um fator limitante para os estudantes de menor poder aquisitivo.

Palavras-chave: Estudante Migrante 1; Ensino Superior 2. Migração Interna 3.

ABSTRACT

Considering that student mobility has increased significantly since the educational policies that aimed to democratize access to higher education in Brazil, this article, based on scientific initiation research, presents the effects of migration on students who moved in search of academic qualification, verifying whether there are differences for economic reasons. This is a qualitative and exploratory research, in which the semi-structured interview was used as a data collection technique. The findings of this study indicate that the main effects of student migration such as reduced quality of life, psychological distress, and financial difficulties, factors that end up affecting academic success, however, there is also significant personal growth. Although despite having not been found a sufficient number of students with high income to verify the economic variables in the effects of student migration, financial difficulties appeared several times as a limiting factor for poorer students.

Keywords: Migrant student 1. Higher education 2. Internal migration 3.

[1] Universidade do Estado da Bahia; Graduanda em Psicologia; clecia.santos352@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A partir do final do século XX, com as políticas de expansão e democratização do ensino superior, sobretudo através de modificações no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, em 2009, e a implantação de um Sistema de Seleção Unificada – SISU, um ano depois, muitos estudantes que não tinham condições de concorrer a uma vaga no ensino superior passaram a ter oportunidade de ingressar em universidades públicas, em inúmeros casos esse aumento de ingresso também se deu devido às políticas de ação afirmativa, como a política de cotas que tem o objetivo de elevar o número de alunos negros e/ou oriundos de escola pública no ensino superior (LI; CHAGAS, 2017; SOUZA; BRANDALISE, 2017).

Dessa forma, possibilitou-se a diversificação de escolha profissional por parte dos candidatos de todo o Brasil, o que acarretou num expressivo aumento da migração estudantil dentro do país. Através dessas políticas sujeitos de diferentes faixas etárias, que sempre almejaram ingressar na universidade, passaram a ter uma maior possibilidade de realizar o sonho de graduar-se. Isso incentivou o intenso deslocamento para fins acadêmicos, especialmente por parte de jovens apoiados financeiramente por seus familiares.

Ao buscar estudos sobre o tema da migração estudantil, é comum encontrar pesquisas voltadas à compreensão dos aspectos relacionados à migração internacional. Todavia, ainda são poucas as pesquisas direcionadas à compreensão dos efeitos do processo de migração em estudantes que se deslocam dentro do próprio país. Albuquerque (2016, p. 13) entende que “o Brasil é um país com dimensões continentais e cada região possui uma identidade cultural bastante específica e diferente das demais", o que evidencia a necessidade de estudos que contemplem à compreensão das especificidades do processo de migração dos estudantes dentro do próprio país.

O presente artigo, baseado nos resultados de um projeto de iniciação científica, alia o referencial teórico sobre o tema da migração no contexto do ensino superior e discursos de universitários migrantes da Universidade do Estado da Bahia

- Campus I para compreender os efeitos do fenômeno da migração em estudantes de diferentes camadas sociais que se deslocaram em busca de qualificação acadêmica. Esse estudo é de natureza qualitativa e caráter exploratório, e contribui para o conhecimento científico sobre o estudante universitário no contexto da migração estudantil, permitindo compreender os efeitos desse processo migratório na vida dos graduandos, além de fornecer informações que podem ser utilizadas pelos órgãos competentes no desenvolvimento de ações eficazes voltadas para o aprimoramento das políticas de assistência estudantil.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Pinto (2013), sendo os espaços acadêmicos voltados para as elites, no final do século XX havia uma carência de ingresso e permanência de jovens entre 18 e 24 anos, com renda baixa, nas universidades. Tal condição passou a evidenciar a necessidade de democratização do acesso ao ensino superior, todavia, somente após décadas de baixo investimento nesse nível de ensino, começa a surgir as principais iniciativas de facilitação de acesso ao ensino superior oferecido em instituições públicas e privada do país (LI; CHAGAS, 2017; SOUZA; BRANDALISE, 2017; SOUZA; ALMEIDA, 2019).

Os anos 2000 passam a ser marcados por fortes mudanças nas políticas educacionais do Brasil, graças à retomada e valorização do ensino superior por parte do governo do período e a reivindicações do movimento estudantil (PINTO, 2013; SOUZA; ALMEIDA, 2019). Além dos programas de estímulo ao acesso e à expansão das universidades, as políticas públicas de ações afirmativas, a exemplo as política de cotas, também foram de grande importância para a democratização do ensino superior, por equiparar - em relação a uma parcela privilegiada da sociedade que sempre teve acesso à educação de qualidade - às chances de ingresso de alunos oriundos de escola pública e negros no ensino superior (LI; CHAGAS, 2017; SOUZA; BRANDALISE, 2017).

Com isso a migração estudantil ascende como uma notória faceta dos deslocamentos sociais. O movimento migratório no Brasil, que teve um período

historicamente caracterizado pelo deslocamento de uma parcela mais pobre da população que, fugindo de condições de vida precárias, buscava trabalho em regiões mais desenvolvidas do país (BRITO, 2009), assumiu uma nova roupagem, ocorrendo também por parte de jovens de diferentes contextos sociais em busca de qualificação acadêmica.

Há uma linha tênue entre os efeitos da distância da terra natal e os desdobramentos decorrentes do ingresso na universidade, pois, como aponta a literatura sobre o tema, o ingresso no ensino superior, por si só, impõe mudanças particulares na vida dos estudantes, sejam migrantes ou não, exigindo um empenho por parte desses para que possam se adaptar a essa nova trajetória enquanto estudante de nível superior (OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016). No entanto, Ferraz e Pereira (2002) traz uma síntese dos possíveis problemas que os estudantes migrantes, em particular, podem enfrentar:

> Em primeiro lugar são os problemas pessoais como a saudade de casa, a solidão, a timidez, limitações nas competências sociais e tomadas de decisão, sexualidade, perturbações emocionais. Em segundo lugar são os problemas acadêmicos, tais como as dificuldades de relacionamento com professores e colegas, competências de estudo, rendimento escolar, falhar nos exames, ansiedade e stress em situação de avaliação, etc. Em terceiro lugar são os problemas financeiros e de gestão da casa com maior ênfase na acomodação e hábitos alimentares e os problemas relacionados com a segurança. (FERRAZ; PEREIRA, 2002, p.150).

Os poucos estudos que interseccionam os dois contextos nos quais o estudante investigado está inserido, o processo de adaptação no novo local e o processo de adaptação na universidade, evidenciam que a migração para fins acadêmicos causa implicações em diferentes dimensões da vida do indivíduo (ALBUQUERQUE, 2016; FERRAZ; PEREIRA 2002; SILVA, 2020; SOUZA; ALMEIDA, 2019). Há na literatura uma ênfase nas implicações psicológicas, em que se destaca que no processo de adaptação o estudante migrante encontra dificuldades que podem contribuir para o desenvolvimento de ansiedade, depressão, estresse e doenças psicossomáticas (ALBUQUERQUE, 2016; FERRAZ; PEREIRA 2002; SILVA, 2020). As autoras também apontam que os desafios da nova trajetória e as implicações na saúde mental podem dificultar o sucesso acadêmico desses discentes.

No que tange as implicações na dimensão financeira, pesquisas mais recentes sobre a migração interna estudantil, realizadas por Silva (2020) e pelas autoras Souza e Almeida (2019), indicam, dentre outros aspectos, que a migração pode deixar o estudante numa condição de vulnerabilidade social. Pois, discentes de camadas sociais mais pobres, ao se deslocar, podem não dispor da autonomia financeira necessária para se manter no novo local, o que destaca a importância das políticas de assistência estudantil. Isso leva a reflexão de que os problemas elencados podem não fazer parte da experiência de estudantes migrantes com maior poder aquisitivo, haja vista que estes podem ter garantias de uma melhor qualidade de vida e dispor de maiores possibilidades para o enfrentamento da distância da cidade natal. Questão que este estudo em particular se propõe a investigar.

Por outro ângulo, ao sair da casa dos pais os estudantes assumem novas responsabilidades, adquirem independência e autonomia, o que a literatura aponta como marcadores de maturidade adulta em jovens (FREIRE, 2018). Assim, sair da cidade natal para cursar o ensino superior em outro local, acompanha e colabora com um importante processo de transição no desenvolvimento do indivíduo, podendo ser considerado como um marco simbólico do início da vida adulta de alguns jovens brasileiros.

A trajetória acadêmica envolve diversos desafios, além disso, o processo de migração também é permeado por mudanças significativas na vida do indivíduo. Como visto, a literatura sobre o tema reporta um razoável número de estresses e lutos causados pela experiência migratória, relacionados às várias perdas, desorientações e incertezas consequentes da mudança. Contudo, também há diversas implicações positivas, a experiência da migração estudantil promove o crescimento pessoal e social do estudante migrante, ao favorecer o desenvolvimento de sua autonomia, de habilidades sociais e amadurecimento.

As políticas de acesso à educação de nível superior foram de suma importância para o crescimento de muitos jovens, entretanto, além da democratização do ensino superior, as políticas educacionais devem favorecer a autonomia e integração desses discentes. Nesse sentido, é relevante entender os

efeitos da migração interna para fins acadêmicos para que se possa identificar como as instituições de ensino superior podem assistir esse grupo de estudantes, que além da separação dos familiares e amigos, precisam se ajustar a uma cidade que, na maioria das vezes, possui uma dinâmica urbana totalmente diferente da sua cidade de origem.

2.1 Aspectos metodológicos

A pesquisa, apresentada dentro dos limites desse artigo, é de natureza qualitativa, método que centra-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA 2009), e caráter exploratório, que visa tornar o tema mais explícito. Utilizou-se como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. O roteiro previamente elaborado foi organizado em duas partes, a primeira com questões socioeconômicas que visam traçar o perfil do estudante migrante, a segunda organizada em perguntas abertas apoiadas nos objetivos do estudo. Os entrevistados foram informados sobre a temática, os objetivos da pesquisa e garantias caso decidissem participar do estudo. Tais garantias estão detalhadas no termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a resolução Nº 466/12, assinado no momento da entrevista.

A amostra da pesquisa foi constituída por oito estudantes, com faixa etária entre 18 e 26 anos. Considerando que todos (as) já tinham pelo menos dois anos na nova cidade, isso revela que os (as) estudantes migraram muito novos. Todos migraram de cidades do interior da Bahia, cinco desses discentes são de família com renda entre 680 reais e 2 salários mínimos e dois são de famílias com renda entre 7 e 8 salários mínimos. Logo, apenas dois estudantes pertencem à classe média alta, sendo, os demais, de camadas sociais mais populares. Levando em conta que todos (as) os (as) participantes da pesquisa são originários de cidades da Bahia, utilizou-se como pseudônimos nomes das frutas mais produzidas no estado.

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo fundamentado nas técnicas de Bardin (2002), que permite analisar de forma crítica o conteúdo comunicado e, ainda, inferir sobre outra realidade, o conteúdo por trás do

que está explícito nas mensagens. Assim, os textos das entrevistas foram recortados e agrupados em unidades de registro para o estabelecimento das categorias temáticas, que segue o princípio de exclusão mútua, o que resultou em duas categorias: Processo de Migração e Implicações da Migração.

2.2 Do deslocamento à integração no novo local: Implicações da migração estudantil

O processo de migração, desde o seu início, é marcado por uma diversidade de sentimentos, havendo particularidades que são inerentes aos contextos sociais dos indivíduos. Para a maioria dos estudantes, a aprovação no ensino superior, junto à perspectiva de construir uma trajetória com mais independência e liberdade, traz uma sensação de bem estar, sobretudo quando a oportunidade de ingressar no ensino superior vem logo após o término do ensino médio, como relata Carambola: “Eu fiquei animada no primeiro momento, era o que eu queria, fazer faculdade logo, assim que saísse do ensino médio, então eu me senti...né, eu queria experimentar”. De acordo com estudos sobre ingresso na educação superior (ARAÚJO; ALMEIDA, 2015; ALMEIDA, 2019), os estudantes secundaristas atribuem grande importância em acessar esse nível de ensino, almejando ingressar na universidade logo após concluir o ensino médio.

De forma particular, dois estudantes demonstraram que além da sensação de bem estar pela aprovação, havia um sentimento positivo frente à possibilidade de estudar especificamente na capital, o que sempre foi desejado. Estes discentes que, na amostra do presente estudo, são os únicos pertencentes à classe média alta, acreditavam que os grandes centros urbanos, à nível de estrutura e/ou oportunidades, são mais favoráveis tanto para o crescimento pessoal quanto profissional.

Em contraste, muitos discentes de camadas sociais populares que apontaram ficar feliz com a aprovação, revelaram que em seguida também se sentiram desesperados e preocupados diante da possibilidade de migrar para a capital, pois não sabiam se teriam condições financeiras de se deslocar e se manter na cidade

da graduação, conforme afirma Lima: “só que depois veio à preocupação de ter que sair de casa, do conforto de casa e da questão da renda no caso, que é que mais iria interferir, porque Salvador é uma capital cara”.

O autor Kliksberg (2006), ao estudar o contexto da juventude na América Latina e no Caribe, afirma que o acesso à educação de qualidade e à tecnologia é altamente desigual, sendo, os percursos de vida dos jovens totalmente diferentes segundo a camada social a que pertencem. Ainda de acordo com o autor, enquanto os sujeitos de classes sociais mais abastadas podem ter aspirações referentes a níveis de educação, saúde e moradia semelhantes ao de países desenvolvidos, os jovens de camadas mais populares são marcados pela falta de oportunidade e dificuldades.

Observa-se que a pressão da universidade, as preocupações financeiras e a dificuldades de adaptação são contingências do percurso do estudante migrante que acabam desencadeando sofrimento psíquico nos jovens, como relata a estudante Cacau:

> Eu acho que você tem que ter um psicológico muito bem preparado (...). Porque eu vejo que, é… a gente vem pra aprender a cuidar do próximo, mas a gente acaba não cuidando de si, vejo muito estudante doente e não é doente de “ah a imunidade caiu um pouquinho”, “tô resfriado”, não, é mental. É… o estudante não dá conta, ele começa a ficar desesperado e tem depressão, ansiedade e depressão. Eu sou uma pessoa muito ansiosa então peguei um pouquinho disso assim, de tá até com medo de tá com depressão, Graças a Deus, graças aos amigos que fiz, minha família, eu consegui estabilizar um pouco (cacau)

O trecho acima sintetiza problemas que também são reportados na literatura sobre ensino superior e migração estudantil. A vivência universitária pode ser geradora de sofrimento, pois os desafios do ambiente acadêmico são vastos, tais como problemas nas relações com professores e colegas, dificuldade de lidar com as questões burocráticas da universidade, afecções negativas em situações de avaliação (ALBUQUERQUE, 2016; FERRAZ; PEREIRA 2002; SILVA, 2020). Em meio a tudo isso, a migração também envolve a adaptação à nova casa, à cidade e a separação dos familiares, o que agrava esse sofrimento do estudante universitário, podendo desencadear ansiedade, depressão, estresse e doenças psicossomáticas

(ALBUQUERQUE, 2016; MARANDOLA JR.; GALLO, 2010; SILVA, 2020; SOUZA; ALMEIDA, 2019).

As dificuldades financeiras também se apresentam como um dos fatores que incidem no percurso do estudante, contribuindo para crises de ansiedade, como evidencia o relato de Carambola: “Estar longe de casa também é um ponto da minha ansiedade, pensar na questão financeira sempre, está preocupada com algumas coisas ou está sozinha assim piora, além da faculdade”. As preocupações financeiras de discentes com menor poder aquisitivo, somada à saudade, que se apresenta como uma constante na vida dos migrantes, sobretudo dos que moram mais distantes e não dispõem de condições para visitar a terra natal com certa frequência, são fatores que levam os estudantes a emoções que nunca precisaram lidar antes.

Além disso, os estudantes, ao se deslocarem, passam por uma mudança drástica na rotina, encontrando algumas dificuldades para se organizar, com isso os hábitos alimentares, que envolvem fatores como renda e gostos, acabam sendo diretamente prejudicados, principalmente porque grande parte dos discentes não eram habituados a prepararem seu próprio alimento: “Eu sou vegana e aí quando eu cheguei aqui eu acabei perdendo muito peso porque eu não me alimentava direito, eu não sabia cozinhar direito, aí fui aprendendo, e também tem a questão de dinheiro né, que tem que economizar e aí as vezes acaba gastando em besteira” (Carambola). Ainda neste tocante, foi possível identificar que para o estudante autônomo, que não tinha nenhum apoio familiar, os problemas financeiros impactaram drasticamente em sua qualidade de vida, pois não tinha condição para ter ao menos uma alimentação básica. Como mostra o relato:

> eu passei fome, eu passei semana que minha alimentação era pipoca e café, porque café era o que tinha. Por exemplo, eu ganhava o café, tava uma época que eu tava ganhando muito café, porque tipo eu bebia muito café e aí sempre tava falando de café, aí sempre chegava assim “ah eu comprei um café pra você” e aí me dava um pacote (Coco)

Silva (2020) destaca que a maioria dos discentes realizam poucas refeições no dia a dia, sendo o Restaurante Universitário (RU), uma ação da assistência

estudantil que contribui para que os estudantes consigam fazer mais de uma refeição diária. Com base nisto, infere-se que a vulnerabilidade dos discentes da UNEB relativa à alimentação poderia ser mitigada se houvesse um RU na instituição, o qual até o momento do presente estudo ainda estava em construção. Os dados da última pesquisa do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis - FONAPRACE, publicada em 2019, também sugerem isso, ao registrar que os estudantes com maior poder aquisitivo são os que fazem mais refeições diárias, enquanto os que pertencem a camadas sociais mais pobres fazem uma ou duas refeições diárias, este último grupo depende de restaurantes universitários, que oferecem refeições com baixo custo.

Quem dispõe de uma melhor condição financeira acaba comprando comida nos espaços da própria universidade. Isso pode ser visto no seguinte trecho:

> e aí muitas vezes venho sem almoçar, como aqui e ai acabo gastando muito dinheiro, mas quando minha mãe tá aqui é muito mais... sei lá… é muito mais organizado (...) mas esse ano eu tô tentando comer melhor, fazer em casa, por exemplo, eu fiz um almoço aí tava durando esses dias mas por exemplo hoje não deu tempo de... fazer a carne, descongelar e aí eu acabei...não trouxe pra cá, aí eu comi aqui porque eu saí lá de casa 8h porque eu fui para o inglês (Licuri)

As demandas da nova rotina refletem também na vida acadêmica, muitos discentes, mesmo recebendo auxílio financeiro, precisam de ajuda do familiar, pois o dinheiro da bolsa não é suficiente para suprir todos os gastos com a casa, alimentação e transporte. E com isso vêm as preocupações financeiras que acabam afetando a concentração e, por consequência, incidindo no rendimento acadêmico. Destaca-se que ter uma ocupação, como no caso do estudante trabalhador, e ainda assim não dispor de condições mínimas favoráveis para se estabelecer na cidade, compromete em proporções drásticas os estudos:

> Tô indo pra o 6 semestre agora e vou para o 6 semestre com 10 matérias, entendeu?! Aaaa, muita irresponsabilidade, muita coisa, mas tipo hoje quando eu vou entender o que passa na minha cabeça, o quanto é difícil pra mim me concentrar, o quanto é difícil pra mim estudar (...) teve momentos que eu tive que abandonar, como segundo semestre eu tive que abandonar, porque eu não tava tendo mais ajuda de papai e mamãe (Coco)

De acordo com Souza e Almeida (2019) as dificuldades sociais e o sofrimento devem ser pensados a partir da vulnerabilidade da sociedade, pois estão inter-relacionados. As autoras chamam atenção para o fato das políticas públicas, que promoveram a intensificação da migração estudantil, por si só não garantirem a emancipação do sujeito em deslocamento, sendo necessário observar se a sociedade oferece dispositivos para que estes jovens mantenham-se longe de casa construindo uma trajetória acadêmica que proporcione de fato autonomia.

Os achados aqui encontrados também vão de encontro com estudos que indicam que alguns aspectos da adaptação ao novo local e da dinâmica do ambiente universitário comprometem o sucesso acadêmico dos estudantes (ALBUQUERQUE, 2016; FERRAZ; PEREIRA, 2002; SILVA, 2020) principalmente devido a problemas relacionadas com a capacidade de atenção e concentração (FERRAZ; PEREIRA, 2002). Conforme o FONAPRACE (2019), as dificuldades financeiras e problemas emocionais, empatados com a carga excessiva de trabalhos estudantis, aparecem dentre as cinco dificuldades que mais impactam o desempenho acadêmico dos estudantes. Tais resultados destacam a importância da assistência estudantil que, ao auxiliar a permanência dos discentes e oferecer um suporte psico-pedagógico, se torna uma condição importante para o sucesso acadêmico.

Por outro lado, um entrevistado também destacou que migrar para estudar em um grande centro urbano traz implicações positivas na vida acadêmica, haja vista que há outras universidades renomadas na cidade as quais o estudante pode frequentar, participar de cursos ou até mesmo de aulas, tendo uma experiência que enriquece o currículo e o aprendizado. Ademais, se sente incitado por colegas, que por serem da capital, tem uma percepção diferente sobre mercado de trabalho, concorrência e a importância de desenvolver projetos, sendo mais ativos.

Vale enfatizar que ao sair do interior e migrar para a capital, o estudante passa a ter a concepção de dois mundos diferentes, essa experiência abre os horizontes do migrante que passa a ter uma bagagem mais rica. Isso contribui significativamente na formação do indivíduo, tornando o sujeito mais tolerante frente à diversidade, posto isso, a migração estudantil se configura como uma experiência

bastante agregadora, que dá oportunidade ao estudante de aprender tanto nos espaços acadêmicos quanto em outra cultura, na nova cidade, como aponta o relato:

> aqui em Salvador tem as mais diversas religiões, as mais diversas maneiras de pensar, a própria vivência da universidade né, porque tem gente de todo tipo de movimento e eu acho isso interessante, eu acho que ajudou… tanto na minha construção como pessoa, quanto até na minha formação de personalidade, porque eu tava acostumada com um negócio muito padronizado, e aqui eu vi que o mundo, ele é mais amplo (Cajarana)

Observa-se que, de forma positiva, a migração estudantil representa uma jornada de fortalecimento e transformação. O que também sugere Silva (2020), pontuando que o deslocamento com fins acadêmicos representa a possibilidade de desenvolvimento pessoal, profissional e emocional. De forma complementar, Souza e Almeida (2019) identificam como efeito desse processo migratório, o amadurecimento do jovem migrante e a promoção de um estado de emancipação e autonomia. Alguns entrevistados também relataram que a principal mudança aconteceu na sua identidade, pois estar em um centro urbano com uma maior diversidade de pessoas permitiu que esses sujeitos se entendessem e se enxergassem de outra forma, passando a assumir uma identidade muito mais cheia de liberdade e concisa com suas cosmovisões de mundo.

3 CONCLUSÃO

O estudo apresentou os efeitos da migração estudantil, intensificada pelas políticas de expansão das universidades e de acesso ao ensino superior no Brasil, verificando se há diferenças por questões de renda. É inquestionável a importância das políticas públicas educacionais na democratização do acesso ao ensino superior. No entanto, os achados revelam que as políticas de expansão e acesso ainda não são suficientes para garantir a equidade do direito a esse nível de ensino.

Como visto nos relatos, o processo de migração de estudantes pertencentes a estratos econômicos menos favoráveis, desde o início do deslocamento, é transpassado por problemas financeiros que ameaçam suas chances de ocupar a vaga na universidade em que foi aprovado. Portanto, ainda que seja possível

observar um impacto negativo na qualidade de vida de todos os entrevistados, a questão de renda apareceu diversas vezes como um fator limitante, que incide em dimensões maiores no percurso de estudantes de menor poder aquisitivo, sendo motivo de inquietações e adoecimento psicológico, podendo afetar também o sucesso acadêmico desses jovens. Isso ressalta a importância da assistência estudantil e a necessidade de um acolhimento institucional para esse público.

A pesquisa, apresentada nesse artigo, possui limites que impossibilitam a generalização dos dados, uma vez que a amostra não é constituída por um número considerável de estudantes mais abastados. Seria pertinente ampliar o número de participantes, diversificando, dessa forma, as características demográficas e socioeconômicas da amostra, o que permitiria verificar de forma mais contundente se os efeitos da migração se diferem de acordo com as camadas sociais dos indivíduos. Sugere-se que pesquisas posteriores ampliem e aprofundem a discussão acerca da migração estudantil interna a fim de compreender os impactos desse fenômeno no sujeito e em todo seu contexto social, além de apontar como as políticas de assistência estudantil podem amenizar os efeitos que prejudicam o bem estar e sucesso acadêmico de sujeitos no contexto da migração estudantil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. S. G. **Aspectos cognitivos e não-cognitivos na adaptação de estudantes universitários (i)migrantes**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Cognitiva, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 92, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17870. Acesso em: 05 fev. 2019.

ALMEIDA, M. S. R. O. Entre expectativa e realidade: uma análise da transição e adaptação (para) e no ensino superior, a partir do olhar de alunos ingressos no Instituto Federal do Amapá, campus Macapá. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação**, Marabá-PA, v. 1, n. 1, p. 67-79, jul./dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/787. Acesso em: 18 jul. 2020.

ARAÚJO, A. M.; ALMEIDA, L. S. Adaptação ao ensino superior: o papel moderador das expectativas acadêmicas. **Lumen**: Educare, [*s. l.*] v. 1, n. 1, p. 13-32, 3 jun. 2015. Disponível em: https://revistas.unasp.edu.br/lumen/article/view/576/pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002. 225 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDlN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf. Acesso em: 01 nov. 2019.

BRITO, F. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Texto para discussão, nº 366, UFMG/Cedeplar, 2009. 20 p. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20366.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. **Psicologia, Saúde & Doenças** Lisboa, v. 3, n. 2, p. 149-164, 2002. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862002000200004. Acesso em: 29 ago. 2019.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018**. Brasília, 2019, 284 p. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.

FREIRE, D. A. L. Análise dos marcadores de adultez em jovens brasileiros: reflexões. **Interfaces Científicas** - Humanas e Sociais, Aracaju, v.7 n.2, p. 21 – 30, out. 2018. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/4220/3071. Acesso em: 08 out. 2019.

KLIKSBERG, B. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, 902-942, sept./oct, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122006000500008&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 19 jul. 2020

LI, D. L.; CHAGAS, A. L. S. Efeitos do Sisu sobre a migração e a evasão estudantil. *In*: ENABER. 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2017. Disponível em: http://sisconev.com.br/Uploads/ENABER17/Trab01570036202017006_000000.pdf. Acesso em: 05 fev. 2019.

MARANDOLA JR., E.; GALLO, P. M. D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010. Acesso em: 22 ago. 2019.

OLIVEIRA, C. T.; SANTOS, A. S.; DIAS, A. C. G. Expectativas de universitários sobre a universidade: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica. **Revista brasileira de orientação profissional**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 111-222, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1679339020160001000 06. Acesso em: 13 fev. 2019.

PINTO, M. M. Políticas de acesso e democratização da educação superior: O Prouni. **Revista Educação em Rede**: Formação e Prática Docente, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 2-16, out. 2013. Disponível em: http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/article/view/434. Acesso em: 14 abr. 2020.

SANTOS, A. S.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Revista Psicologia**: Teoria e Prática, São Paulo, v. 17, n.1, p. 150-163, jan.- abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100013. Acesso em: 23 de jul. 2020.

SILVA, A. M. S. **Análises das implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano de jovens universitários**. 2020. 239 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50826/3/2020_tese_amssilva. Acesso em: 17 jun. 2020.

SOUZA, A. C.; BRANDALISE, M. A. T. Política de cotas e democratização do ensino superior: a visão dos implementadores. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v.3 n.3, p.515-538, set./dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650621. Acesso em: 18 set. 2019.

SOUZA, E. M.; ALMEIDA, L. P. Políticas públicas para a educação superior no Brasil e a mobilidade estudantil interna. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**. Números *especiales,* [*s. l.*], n.4, p. 22-35, mayo 2019. Disponível em: < https://www.unilim.fr/trahs/1526&file=1>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 93 p. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 28 nov. 2019.